PARTE 2 – Ciência, técnica e indústria: a tradição Lumière.

2.1 – Exame de paternidade.

I

"Não se sabia o que ia acontecer."[60] – disse Louis Lumière ao recordar, anos depois, o lançamento comercial de seu cinematógrafo, fato tradicionalmente simbolizado pela exibição pública no Grand Café de Paris, em 28 de dezembro de 1895 (à qual não compareceu). Caso soubesse o que viria a acontecer – o que, por sua vez, seria impossível –, caso conhecesse o sentido que mais tarde atribuiriam àquela noite, a de início de uma *história do cinema*, palavra que então ainda nem existia, talvez tivesse deixado Lyon para assistir à *première* das *premières* na capital francesa. Ou não.

Com a frase, quase que se justificando por não ter adivinhado o futuro, Louis Lumière se remete a um período de intensas pesquisas em seu laboratório, véspera do início da construção em série do aparelho que serviria "à obtenção e à visão de provas cronofotográficas."[61] Havia acabado de encomendar a Jules Carpentier, seu engenheiro mecânico em Paris, homem de extrema meticulosidade, duzentos exemplares do cinematógrafo – encomenda cuja execução fora aprovada após meses de incansáveis testes realizados pelos dois, cada qual em sua cidade, e amplamente discutidos por correspondência. No final de 1895 o período de avaliação do aparato parecia finalmente concluído. Mas antes mesmo que o seu inventor conseguisse se convencer disso, do efetivo bom funcionamento do aparelho, e pudesse declará-lo ao seu colaborador Carpentier, Antoine Lumière, pai de Louis, já havia decidido lançar a novidade comercialmente, organizando exibições públicas um tanto à revelia de seus filhos. Louis Lumière escreve a Jules Carpentier:

> *[Lyon Monplaisir, le] 31 décembre [189]5*
>
> *Mon Cher Monsieur Carpentier,*
> *Nous avons été bien contrariés, mon frère et moi, de ce que vous nous apprenez relativement à la séance de samedi dernier. Croyez bien que nous n'y sommes absolument pour rien. Mon père nous a tourmentés pour que nous le laissions*

[60] Vincent Pinel, *Louis Lumière*, p. 53.
[61] Patente nº 245.032 de A. e L. Lumière, de 13 de fevereiro de 1895.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

> *organiser ces exhibitions à Paris et nous avons tenu à ne pas nous en mêler du tout. (...)*
> *Acceptez, je vous prie, tous nos regrets pour cette absurdité. Je suis convaincu que nous tenons le type définitif et que vous pourriez mettre en train la construction des deux cents appareils.*[62]

O patriarca Antoine Lumière tinha uma forte intuição comercial, é certo. Sua trajetória profissional fora moldada por uma sagacidade que o fazia mudar de atividade sempre que uma nova oportunidade se insinuava. Não compartilhava do rigor científico de seus filhos – era um empreendedor. Especializou-se em identificar as fragilidades das novas tecnologias que surgiam no final do século XIX para depois solucioná-las, aperfeiçoando e superando o original, lucrando com isso e associando o seu nome a um padrão de qualidade de primeiro nível. As duas gerações Lumière, entretanto, entendiam a natureza do trabalho de formas bem distintas, e essas diferentes concepções causavam um conflito maior, característico do momento histórico em que viviam, e centrada no problema da difusão do saber científico, progressivamente transformado em produto industrial.

II

O problema da paternidade intelectual do cinematógrafo é, *grosso modo*, uma questão de inclusão e exclusão de nomes que se adapta ao gosto da época, às vezes a partir de critérios políticos. O *fiat lux* não aparece como uma característica inerente às invenções do final do século XIX, em geral criadas a partir de uma combinação específica de outras novas-técnicas – sendo a exceção a lâmpada incandescente. Poucas idéias surgiram do nada, direto da imaginação de seu criador; surgiam mais freqüentemente da adaptação, reformulação ou plágio de concepções e mecanismos pré-existentes, reestruturados, ampliados ou aplicados de forma distinta – o que mais tarde, conseqüentemente, dificultava o reconhecimento da autoria sobre uma dada invenção:

> *The process of invention via collaboration is complex and almost always difficult to document in detail because it relies on the exchange of ideas. The so-called expert may often need the perspective of his or her less specialized partner. The*

[62] "Meu caro senhor Carpentier, nós ficamos um tanto contrariados, meu irmão e eu, com aquilo que o senhor nos contou a respeito da sessão do último sábado. Acredite que nós não temos nada a ver com isso. Meu pai nos atormentou para que nós o deixássemos organizar essas exibições em Paris, e nós nos empenhamos em não nos envolver em nada (...) Aceite, eu vos rogo, todo o nosso pesar por esse absurdo. Eu estou convencido que nós temos o modelo definitivo e que o senhor poderá colocar em produção a construção dos duzentos aparelhos." Auguste e Louis Lumière, *Correspondances*, p 102.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

> *informal process of give and take, the very ability to shape ideas jointly: these are qualities that often yield successful results yet make it impossible to give credit to one member of the team over another.*[63]

O cinematógrafo, oficialmente, fora inventado por Louis e Auguste Lumière. A partir de 1893, quando os dois irmãos assumem a gestão da *Société Lumière*, todos os trabalhos realizados pela companhia passam a receber automaticamente ambas as assinaturas:

> *(...) il fut formellement entendu entre nous que nous devions collaborer de la façon la plus complète et la plus absolue, non seulement à l'œuvre de redressement et de création qui nous incombait, mais encore à tous les travaux que nous pourrions ultérieurement entreprendre et qui devaient être invariablement publiés en commun.*[64]

A justificativa acima foi entretanto tirada de uma *Notice sur les titres et travaux scientifiques d'Auguste Lumière* (1940) que, como diz o próprio título, faz o inverso, estabelece a autoria individual de Auguste sobre um determinado número de obras e pesquisas. Tal movimento de autonomia intelectual, porém, não partiu de Auguste, mas de Louis, que em 1918 pede permissão a seu irmão para assumir, sozinho, a paternidade de algumas invenções, entre elas o cinematógrafo. Louis preparava a documentação necessária à sua candidatura à Academia de Ciências, esse era o argumento, mas com tal pedido encerrava a trajetória da assinatura "Irmãos Lumière". A decepção que a decisão provocou em Auguste não partia meramente de uma questão de vaidade – ele não hesitava em declarar "Meu irmão, em uma noite, havia inventado o Cinematógrafo"[65] – mas de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

---

[63] "O processo de invenção via colaboração é complexo e quase sempre difícil de documentar em detalhe pois se baseia na troca de idéias. O tão chamado expert pode freqüentemente precisar da perspectiva de seu, ou sua, parceiro menos especializado. O processo informal de pega lá, dá cá, a própria habilidade de moldar idéias conjuntamente: essas são qualidades que freqüentemente geram resultados bem sucedidos, mas que no entanto tornam impossível dar crédito a um membro da equipe a despeito do outro." Charles Musser, *The Emergence of Cinema.* p. 64.

[64] "(...) combinou-se formalmente entre nós que deveríamos colaborar da maneira mais completa e mais absoluta, não somente na obra de re-elaboração e criação que nos incumbia, mas também em todos os trabalhos que nós poderíamos posteriormente empreender e que deviam ser invariavelmente publicados em comum." Auguste Lumière, *Notice sur les titres et travaux scientifiques d'Auguste Lumière*, Imprimerie Léon Sézanne, Lyon, 1940. Citado por Pinel, *op cit,* p. 12.

[65] Pinel, *op. cit.*, p. 20. Essa declaração de Auguste Lumière não pode ser entendida literalmente, já que se trata de um testemunho exaltado, seu irmão obviamente não inventou o aparato em uma só noite. Ele se refere ao problema do mecanismo de encadeamento da película, cuja resolução viabilizou o funcionamento do cinematógrafo. A hagiografia de Louis Lumière conta que ele teve essa idéia no meio de uma crise de insônia. Essa versão é em grande parte alimentada pelo testemunho do próprio, que décadas depois afirmou « J'étais un peu souffrant et j'avais dû garder le lit. Une nuit où je ne dormais pas, la solution se présenta clairement à mon esprit. Elle consistait à adapter aux conditions de la prise de vues le mécanisme connu sous le nom de « pied de biche »

uma contribuição fraternal que se desmanchava após trinta e seis anos de trabalhos conjuntos. Auguste, não menos brilhante, concentrava-se a partir deste momento em pesquisas na área da biologia e da medicina, desenvolvendo, entre outras coisas, a utilização clínica do Raio X.

O cinematógrafo, cuja história passa a ser reinventada a partir dos anos 1930, tem então sua criação atribuída predominantemente a Louis Lumière. Movimento de emancipação intelectual iniciado com a sua candidatura à Academia, essa versão cristalizou-se em 1935 com a celebração na Sorbonne dos 40 anos do aparelho – e também da biografia de seu inventor. Durante a preparação da cerimônia do "Jubileu Científico de Louis Lumière", que contou com a presença do Presidente da República, de sete membros do governo, vinte e sete embaixadores e quarenta e sete acadêmicos[66], a figura de Auguste foi colocada em segundo plano, o que fez com que se recusasse a participar do evento. Uma publicação chamada *Le Petit Dauphinois*, percebendo a ausência de um dos Lumière na comemoração, chegou a publicar um artigo em que declarava que Auguste havia falecido. G. Meker, do comitê de organização do jubileu, responsável pelo mal-entendido, insinua ter percebido uma "tensão entre os dois irmãos..."[67]

Um selo comemorativo fora projetado para a ocasião, mas apenas a figura de Louis era nele retratada. Alphonse Seyewtz, químico, colega de escola dos dois e funcionário do Laboratório Lumière, conhecendo o texto em que Auguste dizia que Louis, "em uma noite, havia inventado o cinematógrafo", escreve:

> *(...) M. Auguste voulait seulement dire que c'est bien son frère qui avait inventé le premier appareil qui ait été utilisé pratiquement, mais il avait lui-même construit un appareil permettant de projeter sur un écran des scènes animées auquel il avait renoncé devant la supériorité de celui qu'avait imaginé son frère.*
> *Il est hors de doute que des échanges d'idées entre les frères Lumière, qui à ce moment collaboraient dans tous leurs travaux, ont contribué à la réalisation de l'appareil définitif.*

---

dans le dispositif d'entraînement des machines à coudre (...). » / "Eu estava um pouco doente e precisei ficar de cama. Em uma noite em que não dormia, a solução se apresentou claramente ao meu espírito. Ela consistia em adaptar às condições da captação de *vistas* um mecanismo conhecido pelo nome de "pata de gazela" no dispositivo de encadeamento das máquinas de costura." p. 19

[66] Lumière, *op. cit.*, p. 309, nota 1.

[67] Ibidem, p. 308, carta de 18/12/1935. Essa "tensão" fraternal é duvidosa. Pelo esforço de conciliação demonstrado através da correspondência dos irmãos tem-se a impressão de que o excesso de interlocutores no episódio acabou por radicalizar a situação. É impossível avaliar até que ponto Meker, responsável pelo evento, tentava com esse comentário livrar-se da responsabilidade pelo mal-estar público.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

A defesa da parceria Lumière, que visava a inclusão de Auguste no selo, entretanto logo se enfraquece pelo comentário final da carta de Seyewtz:

> *Toutefois, pour marquer la plus grande part que M. Louis Lumière a pris dans l'invention, on pourrait dans l'effigie des deux frères mettre en avant celle de M. Louis Lumière.*[68]

Instalado o constrangimento geral, torna-se extremamente difícil definir, através das cartas que tratam do assunto, de onde realmente partiu o julgamento de que Auguste não era "pai" do cinematógrafo, e que portanto não deveria fazer parte da aclamação pelos 40 anos do aparelho. Todos os envolvidos – inclusive Louis – mostravam-se igualmente descontentes com a situação. Mas o dano havia sido causado e Auguste, humildemente, continuou atribuindo a autoria da invenção ao irmão.

A participação de Louis Lumière na construção do cinematógrafo foi de fato predominante, como se verá. Se isso torna o papel de Auguste no processo prescindível ou não, eis uma outra questão. Seu envolvimento cotidiano no projeto, ilustrado de forma evidente através de sua correspondência, foi relativizado pelo pedido concedido a seu irmão em 1918. Com sua exclusão do jubileu de 1935 a questão tornou-se constrangedora. A resignação de alguns e o protesto de outros tiveram exatamente o mesmo resultado, contribuíram para a marginalização de Auguste dentro do histórico do cinematógrafo – que a partir de então, oficialmente, passou a ser uma invenção atribuída a Louis Lumière.

III

É arriscado tentar avaliar como exatamente a relação dos dois se restabeleceu com o passar do tempo. Em 1920 ambos deixam a administração da companhia Lumière, cujo controle é entregue à geração seguinte. Continuam as suas pesquisas individualmente, Louis estudando física e fotografia, enquanto Auguste dedica-se à biologia.

---

[68] "O senhor Auguste queria apenas dizer que foi mesmo o seu irmão que havia inventado o primeiro aparelho utilizado na prática, mas ele tinha, ele próprio, construído um aparelho que permitia projetar sobre uma tela cenas animadas ao qual ele havia renunciado diante da superioridade daquele que imaginara seu irmão. Não há dúvida que trocas de idéias entre os irmãos Lumière, que nesse momento colaboravam em todos os seus trabalhos, contribuíram para a realização do aparelho definitivo." / "Porém, para marcar a maior participação que o senhor Louis Lumière tomou na invenção, poderíamos na efígie dos dois irmãos colocar em primeiro plano a do Sr. Louis Lumière." Ibidem, carta de 17/06/1935, p. 296.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

A correspondência entre os dois aumenta consideravelmente com o início da Segunda Guerra em 1939. As cartas que foram preservadas revelam uma grande preocupação de Auguste, irmão mais velho, não apenas com as repercussões do conflito, mas também com a frágil saúde de Louis, principalmente no que dizia respeito à sua má alimentação.[69] Até o final da guerra voltariam a morar na mesma casa. Louis, que sofria de graves problemas cardíacos e renais, contava com a supervisão médica de seu irmão.

Muito debilitado, Louis Lumière se vê obrigado a afastar-se do trabalho, a passar um número cada vez maior de horas na cama.[70] O cotidiano de trabalho no laboratório, então suspenso, faz-lhe falta. Suas pesquisas jamais avançaram para qualquer sentido "conclusivo", em que um assunto fosse finalmente esgotado e colocado de lado como um troféu, seguindo-se então um próximo tema. Suas investigações não eram delimitadas por áreas ou campos, subdivididas em categorias fixas, não obedeciam a diretrizes externas – com exceção das pressões paternas, quando este ainda era vivo. Seu ofício era guiado por princípios de perfectibilidade e progressividade que se aplicavam a objetos de pesquisa pelos quais tinha um interesse constante, com resultados sempre cumulativos. As questões que atiçavam sua curiosidade científica em seus últimos anos de vida eram as mesmas de quando começara a trabalhar, aos dezessete anos. Teve sorte de se confrontar, durante seu tempo de vida, com situações e problemas que pediam a aplicação prática de suas descobertas. Começou estudando placas fotográficas e depois, já com idade avançada, prestou serviços de pesquisa às forças armadas, gratuitamente.[71] O agravamento de seu estado físico interrompia pela primeira vez um curso ininterrupto de estudos. Em uma carta a Georges Sadoul diz:

> *Mon état de santé auquel vous voulez bien vous intéresser m'a fait bien des misères ce temps-ci et se ressent, inévitablement, de la vétusté de mes cellules. Je ne puis guère espérer remonter un tel courant car je n'ai aucun rapport avec Méphistophélès. Néanmoins, la situation semble s'améliorer et j'espère toujours*

[69] Ibidem, a partir da carta de 04/09/1939, p.325.
[70] Ibidem, carta de 27/01/1947. p. 363.
[71] "Meu estado de saúde, pelo qual o senhor bem se interessou, fez comigo misérias nesses últimos tempos e se ressente, inevitavelmente, da ancestralidade das minhas células. Eu não posso de forma alguma esperar reconstituir tal corrente [de eventos], pois eu não tenho nenhuma relação com Mefistófeles. No entanto, a situação parece melhorar e eu continuo esperando encontrar um pouco mais de energia para continuar estudando certos problemas de diversas naturezas que estão atualmente em crise." Ibidem, carta de 04/06/1918. p. 195, nota 1.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

trouver un peu plus d'énergie pour continuer à étudier certains problèmes de diverses natures, qui sont actuellement en souffrance.[72]

Em uma carta de 19 de maio de 1948, dezoito dias antes de seu irmão falecer, Auguste conta a seu filho Henri que Louis havia passado três horas fora do quarto após o almoço, em seu laboratório. Ele diz isso cheio de surpresa, espanto compartilhado inclusive pelo médico da família. Pede também que tente adquirir um relógio especial muito desejado pelo irmão doente, relógio com uma particularidade: o visor deveria ser dividido não em doze, mas em vinte e quatro horas – Louis reclamava de, ao acordar, não saber se era dia ou noite.[73]

IV

Em seus últimos meses de vida, obrigado a se manter longe do laboratório, Louis Lumière foi incentivado a rever e a reconstituir em detalhe um período então distante quase meio século. Fora abordado por Georges Sadoul, historiador do cinema, autor da obra até hoje fonte recorrente para os primeiros cinqüenta anos de experiência cinematográfica[74].

Em um primeiro momento de correspondência, o diálogo entre os dois mostra-se ríspido. Em agosto de 1946 Sadoul envia a Lumière, para a conferência deste, material de seu livro *L'invention du cinéma*. A reação é bastante negativa. Louis escreve-lhe dizendo: "não posso me impedir de lhe dizer o quanto eu lamento que um certo número de afirmações ou de informações a meu respeito dentro de sua obra estejam marcadas por um caráter pejorativo e tendencioso devido, sem dúvida, à hostilidade de alguns de seus informantes..."[75]

Essa hostilidade tinha uma justificação claramente política. Como observa Vincent Pinel em seu livro *Louis Lumière, inventeur et cinéaste*, a partir dos anos 1930, e principalmente após o jubileu de 35, uma forte "vontade de canonização"[76] se revelava em relação ao criador do cinematógrafo – vontade essencialmente nacionalista. A exaltação de uma biografia exemplar de Louis

[72] Ibidem, carta de 16/12/1946. p. 361.
[73] Ibidem, carta de 19/05/1948. p. 382.
[74] Georges Sadoul, *Histoire générale du cinéma*, v.1. p. 9.
[75] Lumière, o*p. cit.*, carta de 03/09/1946, p. 351. « Je ne puis m'empêcher de vous dire combien je regrette qu'un certain nombre d'affirmations ou d'informations me concernant dans votre ouvrage, soient empreintes d'un caractère péjoratif tendancieux dû, sans doute, à l'hostilité de certains de vos informateurs… »
[76] Pinel, *op. cit.,* p. 103.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

Lumière nos anos 30 e 40, do inventor idoso e bondoso, predestinado por seu nome a orgulhar o país com seu engenho, gerou uma imagem romantizada e mitificada que serviu ao Estado na divulgação de um ideário conservador-nacionalista, provocando uma rejeição por parte da esquerda, que por algum tempo colocou em segundo plano a importância da figura de Lumière. Em 1936, no anúncio da criação da Cinemateca Francesa, a omissão é evidente, principalmente levando-se em conta a exposição que o nome havia sofrido nos últimos meses, decorrente da comemoração em 35:

> *Nous sommes heureux d'annoncer la création d'une association : « La Cinémathèque Française », qui a pour but de rechercher, de préserver et entretenir les films dignes d'intérêt.*
> *(...) Dès aujourd'hui, nous pouvons cependant informer nos lecteurs que cette association groupe des bandes que nous croyions à tout jamais perdues. A savoir l'œuvre entière de Marcel Herbier, Germaine Dulac, René Clair, Louis Delluc, les œuvres principales de Jean Epstein, Jean Renoir, Jacques Feyder, Julien Duvivier, Robert Boudrioz, René Hervil, Feuillade, Volkoff, Tourjansky, Mosjoukine, Starewitch, Baroncelli, etc, ainsi que tous les court métrages de l'avant-garde française et des négatifs et positifs de l'œuvre d'avant guerre de Georges Méliès, Zecca, Emile Cohl, Jasset, Pouctal, Capellani, Perret et d'autres parmi les plus illustres.*[77]

A Cinemateca foi fundada, entre outros motivos, pela preocupação de conservar filmes antigos. Nessa época já era evidente que o seu suporte material, o negativo, não resistia incólume ao tempo, tornando-se necessário guardá-lo com cuidados específicos. Ora, pelo anúncio da fundação da *Cinémathèque* tem-se a impressão de que os envolvidos estavam empenhados em salvar, em primeiro lugar, não tanto as obras mais antigas, mas os filmes realizados nos últimos dez ou quinze anos.

Henri Langlois, secretário geral da Cinemateca (mais tarde presidente da instituição), em seu artigo *L'évolution des œuvres cinématographiques vue de*

[77] "Nós estamos contentes de anunciar a criação de uma associação: 'A CINEMATECA FRANCESA', que tem por objetivo a pesquisa, a preservação e a divulgação de filmes dignos de interesse. (...) A partir de hoje, podemos entretanto informar a nossos leitores que essa associação reúne fitas que nós julgávamos perdidas para sempre. A saber, a obra completa de Marcel Herbier, Germaine Dulac, René Clair, Louis Delluc, as obras principais de Jean Epstein, Jean Renoir, Jacques Feyder, Julien Duvivier, Robert Boudrioz, René Hervil, Feuillade, Volkoff, Tourjansky, Mosjoukine, Starewitch, Baroncelli, etc, assim como todos os curta-metragens da vanguarda francesa e os negativos e positivos da obra anterior à Guerra de Georges Méliès, Zecca, Emile Cohl, Jasset, Pouctal, Capellani, Perret e de outros entre os mais ilustres." Henri Langlois, *Trois cents ans de cinéma : écrits*. p. 39.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

France, publicado na mesma edição de *La Cinématographie française*[78]que trazia o anúncio acima, iniciava seu texto dizendo:

> *Dès la première séance de projection au Grand Café, le cinéma fut un spectacle. L'intérêt pourtant n'était engendré que par l'invention et non par le film lui-même. C'est Georges Méliès et à sa suite Ferdinand Zecca qui ont fait le film spectacle.*[79]

Novamente, tal omissão do nome Lumière é de se estranhar. A ocasião da primeira exibição pública é mencionada, mas atribui-se a invenção do *cinema* menos à invenção do cinematógrafo, e mais à obra de dois realizadores, criadores do *filme-espetáculo*. Considerar a filmografia Lumière *cinematografia,* e não *cinema,* faz sentido. Trata-se de uma interpretação possível, mas dada a magnitude da comemoração, meses antes, do aniversário da invenção de Louis Lumière, assim como da biografia deste que era internacionalmente aclamado como "pai do cinema", a exclusão de seu nome dificilmente se justifica por um simples esquecimento ou subestimação de algo que supostamente já estaria bem distante no tempo. Além disso, o próprio título da obra de Langlois, *Trois cents ans de cinéma*, desestimula esse tipo de interpretação. Em um livro que considera uma história do cinema desde 1655, um evento tão importante em 1895 não pode parecer pertencer a um passado tão longínquo assim.

A hostilidade mencionada por Lumière, porém, parecia ser superada com os encontros em sua casa em Bandol. Foi o que aconteceu quando Georges Sadoul o visitou, no final de setembro de 1946. A correspondência que compartilham dali em diante é sempre afetuosa, Louis muito solícito ao atender ao historiador, esclarecendo suas dúvidas e questionamentos. Juntos estabelecem a autoria de Lumière sobre um número grande de filmes cuja assinatura era incerta. Este revisa e corrige a segunda edição do primeiro volume de *Histoire générale du cinema*, e propõe que Sadoul lhe envie "as páginas da nova edição (...) antes de imprimi-las, a fim de evitar qualquer confusão."[80]

Sadoul, no ano seguinte, serve de intermediário entre Lumière e Henri Langlois, ajudando na operação de transporte de negativos de Lyon até Paris, onde seriam copiados, exibidos e conservados pela Cinemateca. Se em 1936 a

---

[78] Número 934. 26/09/1936.

[79] "Desde a primeira sessão de projeção no Grand Café, o cinema foi um espetáculo. O interesse, no entanto, era engendrado apenas pela invenção e não pelo filme em si. Foi Georges Méliès e em seguida Ferdinand Zecca que fizeram o filme espetáculo." Henri Langlois, *op. cit.*, p. 41.

[80] Lumière, *op. cit.*, carta de 09/12/1946, p. 358. « …de me communiquer les pages de la nouvelle édition de votre *Invention du cinéma*, avant de les imprimer, afin d'éviter toute confusion. »

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

instituição não parecia muito interessada no nome Lumière, dez anos depois o cenário havia mudado. Langlois tentava conseguir com Louis, a quem se dirigia na correspondência como "mestre"[81], equipamentos, filmes, desenhos e documentos que pudessem participar do Festival Mundial do Filme e do Cinema em Bruxelas, evento que naquele ano apresentava uma exposição intitulada "o Nascimento do Cinema."

Louis Lumière, a essa altura já muito debilitado, nem sempre conseguia responder satisfatoriamente aos pedidos de Sadoul e Langlois. Em determinados momentos estes precisavam utilizar-se de métodos de sedução. Em carta de 9 de dezembro de 1946 Georges Sadoul dá um tiro certeiro: atiça a vaidade de Lumière elevando sua obra acima da de Thomas Edison, um de seus maiores adversários:

> *J'ai eu l'occasion de projeter à plusieurs reprises la précieuse copie de huit de vos premiers films que vous aviez bien voulu me donner. Ils ont remporté partout le plus vif succès. En particulier, mes élèves de l'IDHEC auxquels je venais de montrer des bandes d'Edison, ont applaudi spontanément la merveilleuse qualité photographique et l'excellente mise en page du Déjeuner de bébé et surtout de la Sortie du port.*
> *J'espère que votre santé continue à être excellente et que vous pouvez toujours poursuivre vos précieux travaux.*[82]

A contribuição de Louis Lumière para a reconstituição histórica de 1895 tornava-se significativa e cheia de empenho, apesar de sua fragilidade física. Dez anos após seu jubileu e algumas associações políticas mal vistas[83], Lumière confirmava a integração de sua biografia à história do cinema. Pediu a um funcionário da companhia em Lyon que reunisse alguns filmes solicitados pela Cinemateca. Esta era uma maneira de garantir a sobrevivência de sua obra não apenas frente ao tempo, mas também diante daqueles que não acreditavam no valor artístico de seu trabalho:

> *C'est beaucoup de travail que je vous demande là, mais il est indispensable, je crois, de profiter des bonnes dispositions actuelles de ce Groupement pour éviter*

[81] Ibidem, carta de 28/04/1947, p.372.
[82] "Eu tive a oportunidade de projetar por várias vezes a preciosa cópia de oito dos seus primeiros filmes, que o senhor quis me dar. Eles tiveram por toda parte o mais vivo sucesso. Em particular meus alunos do IDHEC, aos quais eu acabara de mostrar fitas de Edison, aplaudiram espontaneamente a maravilhosa qualidade fotográfica e a excelente composição de 'Refeição do bebê', e sobretudo de 'Saída do porto'. Eu espero que a sua saúde continue excelente e que o senhor possa continuar seus preciosos trabalhos." Ibidem, carta de 09/12/1946, p.357.
[83] Em especial com o Marechal Pétain, chefe do governo de Vichy, que o condecorou.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

> *l'enterrement de première classe auquel les cinéastes modern style cherchent à étouffer tout ce qui n'est pas actuel.*[84]

Louis Lumière, inventor do cinematógrafo – com ou sem seu irmão Auguste –, confirmava assim seu título de inventor não apenas da técnica, mas do próprio cinema – de sua arte. Fato inédito, a *Cinémathèque Française* mostrava-se interessada em estudar e adquirir exemplares dos *filmes* de Louis Lumière. Filmes que, como ele mesmo disse, ao contrário dos aparelhos que construiu e que sempre despertaram a curiosidade de todos, "estavam abandonados dentro de sabe-se lá qual sótão."[85]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410552/CA

[84] "É muito trabalho o que peço ao senhor, mas é indispensável, creio eu, aproveitar as boas disposições atuais desse Grupo, para evitar o enterro em grande estilo no qual os cineastas *modern* style tentam sufocar tudo o que não é atual." Ibidem, carta de 09/12/1946, p.357.
[85] Ibidem, carta de 09/12/1946, p.359.